

Uma análise da compreensão de metonímia em fase de aquisição da linguagem

An analysis of the comprehension of metonymy in the language acquisition phase

Rafaeli Miorando

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil

Maity Siqueira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil

Resumo: Neste estudo, investigou-se a compreensão de metonímia com crianças de 3 a 8 anos de idade, replicando o método do estudo de Köder e Falkum (2020), agora sob a perspectiva da Linguística Cognitiva. Foram expostos 133 participantes, crianças e adultos, a um estímulo visual, que consiste em um conjunto de imagens, e outro auditivo, que consiste em uma vinheta literal ou metonímica. Os resultados obtidos corroboram parcialmente o resultado do estudo original (Köder; Falkum, 2020), em que houve uma diferença significativa na compreensão de metonímia nas diversas faixas etárias estudadas. Aqui, o nível de compreensão metonímica desta tarefa não passou a aumentar aos 6 anos de idade, como no estudo replicado. Além disso, o nível de compreensão das crianças de 8 anos não foi similar à compreensão do grupo de controle de adultos. Também foram encontradas diferenças significativas entre as condições literal e metonímica no que concerne aos níveis de compreensão. A partir desse resultado geral, são formuladas algumas hipóteses e discutem-se questões que possam ter levado a esse resultado, envolvendo influências tanto etárias como linguístico culturais.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva. Compreensão de Metonímia. Aquisição da Linguagem.

Abstract: In this study, we investigated the comprehension of metonymy with children aged 3 to 8 years old, by replicating the method of the Köder and Falkum (2020) study, from the Cognitive Linguistics perspective. In the test, 133 participants, children and adults, were exposed to a visual stimulus, which consists of a set of images, and an auditory stimulus, which consists of a literal or metonymic vignette. The results obtained in this work partially corroborate the result of the original study (Köder; Falkum, 2020), in which there was a significant difference in the comprehension of metonymy in the different age groups studied. Here, the level of metonymic comprehension of this task did not increase at 6 years of age, as in the replicated study, and some hypotheses for this change are formulated. Also, the 8-year-old children's level of comprehension turned out not to be similar to the comprehension of the adult control group. In addition, significant differences were also found between the literal and metonymic conditions, regarding the levels of comprehension. From this general result, issues that may have led to this result are discussed, involving both age and linguistic cultural influences.

Keywords: Cognitive Linguistic. Metonymy comprehension. Language Acquisition.

1 Introdução

A metonímia se define como a projeção conceitual de um domínio cognitivo sobre outro, sendo estes pertencentes a um mesmo domínio cognitivo (Sánchez, 2009). O domínio que é projetado, também referido como domínio fonte, faz referência a uma característica saliente do domínio alvo, sobre o qual a projeção é feita, proporcionando acesso mental a ele. Esse fenômeno aparece, por exemplo, na fala das crianças, em observações tais como chamar de 'o nariz' o homem com um nariz proeminente (Köder; Falkum, 2020). Existem ainda poucos estudos acerca da aquisição metonímica com crianças (Mousinho *et al.*, 2009; Nerlich; Clarke; Todd, 1999; Rundblad; Annaz, 2010; Van Herwegen; Dimitriou; Rundblad, 2013). Com os estudos realizados recentemente, por Ingrid Falkum, foi possível observar que desde tenra idade crianças são capazes de compreender usos metonímicos. Köder e Falkum (2020), corroboram a hipótese de estudos anteriores da existência de uma curva em U na compreensão de metonímia nas idades entre 3 e 8 anos.

Para o presente estudo, o experimento de Köder e Falkum (2020) foi replicado, a fim de verificar se os achados do estudo se confirmam com dados de outra língua e cultura, mais especificamente, o português brasileiro. Apesar de termos buscado um estudo baseado na Teoria da Relevância (TR), os dados aqui analisados fundamentaram-se na Linguística Cognitiva. Entendemos que isso não anula a validade dos resultados encontrados, uma vez que essas duas perspectivas teóricas são complementares no que diz respeito ao entendimento dos fenômenos de linguagem figurada. Foram utilizados os mesmos estímulos produzidos pelas autoras, cordialmente disponibilizados por elas para este estudo. Mais especificamente, o presente estudo buscou reproduzir a tarefa de seleção de imagem com foco na língua portuguesa. Considerando que esse é um fenômeno potencialmente universal, nosso objetivo ao comparar os resultados encontrados em inglês e norueguês com os de português, foi verificar se a compreensão

metonímica ocorre nas mesmas idades em diferentes línguas.

Partimos, assim, de duas perguntas de pesquisa. A primeira é se os resultados que mostram um desenvolvimento em forma de U na compreensão da metonímia podem ser verificados usando uma tarefa de seleção de imagem com o mesmo conjunto de estímulos em um idioma diferente (português); e a segunda, com que idade as crianças começam a melhorar seu desempenho antes de atingir níveis de compreensão semelhantes aos dos adultos (em Língua Portuguesa). Considerando as pesquisas sobre aquisição de metonímia, de forma geral, e os resultados de Köder e Falkum (2020) de forma específica, nossas hipóteses são, respectivamente de que há um desenvolvimento em forma de curva em U na compreensão da metonímia em falantes de português brasileiro e que partir dos 3 anos de idade, crianças falantes do português brasileiro já demonstram alguma compreensão de metonímia, mas, apenas a partir dos 8 anos de idade apresentam desempenho semelhante aos dos adultos da sua língua.

A seguir, será feita uma breve revisão dos trabalhos existentes sobre a compreensão de metonímia.

2 Metonímia e compreensão: bases teóricas

Lakoff e Johnson (1980) foram pioneiros ao tratar a metáfora como essencial para a formação de conceitos abstratos e ao enfatizar o papel do corpo na formação de mapeamentos metafóricos. Em um artigo sobre a Linguística Cognitiva, Silva (1997) relata como essa área veio a descobrir diversas estruturas conceituais muito importantes, tais como modelos cognitivos idealizados, metáforas e metonímias conceituais, protótipos e esquemas imagéticos. Na perspectiva cognitiva, uma importante função da linguagem é a categorização, levando em conta a análise semântica, a questão da significação. Assim, utilizamos a linguagem para caracterizar o mundo.

O estudo da metáfora trouxe à tona a discussão de construtos teóricos que foram também

aplicados à metonímia. Assim como a metáfora, a metonímia tem base nas experiências física e cultural humana (Lakoff e Johnson, 1980). Como exemplo, temos a metáfora conceitual MAIS É PRA CIMA, que consiste na observação experiencial de que adicionar objetos a uma pilha resultaria no aumento do nível (Drozdz, 2014). Essa motivação experiencialista pode ser também encontrada em metonímias. Conforme a definição operacional do fenômeno adotada aqui, metonímia é uma projeção conceitual de um sub domínio cognitivo sobre outro, pertencentes ao mesmo modelo cognitivo (Sánchez, 2009). Podemos pensar, por exemplo, no mapeamento PARTE DE UM DOMÍNIO PELO DOMÍNIO TODO, no qual utilizamos um ponto de referência para compreender o todo, como em uma tarefa do teste utilizado neste trabalho, “aqui estão dois homens no trabalho. O nariz está mau-humorado.”. Nesse exemplo, utilizamos uma característica saliente (o nariz, domínio fonte) para nos referir ao todo (o homem), no qual o domínio alvo seria a pessoa humana (o todo). Domínios conceituais são “quaisquer organizações coerentes de experiência” (Kövecses, 2010, p. 4). Já modelos cognitivos são representações mentais bastante estáveis que representam o modo como entendemos a realidade à nossa volta. Tais modelos são considerados idealizados porque não instanciam ocorrências específicas de uma experiência, mas são formados a partir de uma generalização de conjuntos de experiências (Lakoff, 1987).

Na metonímia, tipicamente utilizamos alguma característica saliente para nos referir a um objeto ou pessoa. Um exemplo de uso metonímico muito comum para os brasileiros é falar “comi um prato de feijão”, tão comum que não parece nem mesmo haver alguma figura de linguagem intrínseca. Entretanto, mesmo sem o conhecimento teórico sobre o fenômeno da metonímia, entendemos que ao dizer que alguém comeu um prato de feijão, a pessoa não está comendo literalmente um prato, mas apenas o alimento contido nele. Lakoff e Johnson (1980) fornecem frases como essa e esclarecem que elas fazem parte da linguagem evidenciam todo um sistema conceitual, sistema esse que estrutura nossos pensamentos e ações. Exemplo

disso é sobre quando pensamos sobre um Picasso: não estamos pensando somente sobre a obra em si, mas em sua relação com o artista e tudo que envolve sua concepção. Quando alguém vai a um leilão, já sabe que o valor de uma pintura dele será bem elevado, justamente por ser de um artista de tamanho renome. Utilizamos, assim, a metonímia como forma de economia cognitiva e comunicativa, pois ao pensar em um Picasso, automaticamente relacionamos todos os nossos conhecimentos sobre esse nome em torno do que desejamos comunicar ou do que ouvimos em uma conversa.

Os usos metonímicos utilizados como estratégias referenciais abreviam o caminho entre o referente e sua nomeação, designando indivíduos a partir de uma propriedade saliente. Em estudo anterior ao replicado aqui, Falkum, Recasens e Clark (2017) conduziram uma pesquisa com crianças de 3 a 5 anos, na qual descobriram que os usos metonímicos são prevalentes em todas as faixas etárias testadas. Os resultados do teste aplicado apontaram para o fato de que, a partir dos 3 anos de idade, crianças já são capazes de compreender novos usos metonímicos em contexto. Além disso, com o aumento da idade, as crianças conseguiam se expressar melhor para explicar suas escolhas no teste. Entretanto, o desempenho na tarefa piorou à medida que a idade aumentava, com crianças de 3 anos apresentando melhores resultados em relação à metonímia do que crianças de 4 e 5 anos, as quais tendiam a interpretar usos metonímicos de forma mais literal. A hipótese dos autores é de que isso acontece devido a uma crescente habilidade metalinguística, o que leva crianças de 4 e 5 anos a refletirem mais sobre a língua e seus usos, o que pode tê-las influenciado a escolher contextos literais. O trabalho replicado neste estudo, de 2020, foi baseado nos resultados encontrados já em 2017.

A seguir, é feita uma explicação detalhada do artigo replicado aqui, desde sua parte teórica até sua aplicação.

2.2 O teste de köder e falkum

Em seu artigo intitulado “Children’s metonymy comprehension: Evidence from eye-tracking and picture selection”, de 2020, Köder e Falkum reportam a aplicação de um teste de compreensão de metonímia para crianças de 3 a 8 anos de idade, além de um grupo de controle de adultos. As autoras fazem dois tipos de tarefa, uma com seleção de imagens e a outra com sistema de eye-tracking. A primeira teve o objetivo de verificar a pertinência de seus estudos anteriores, que mostraram a formação de uma curva em U na compreensão de metonímia, em que crianças entre 4 e 5 anos demonstraram uma tendência a escolher os significados literais sobre os metonímicos. Além disso, essa tarefa tinha o objetivo de testar essa hipótese em Norueguês, uma vez que outros estudos tinham como língua principal o Inglês. Por fim, o teste de seleção de imagem também buscava analisar em qual faixa etária a performance das crianças melhoraria em relação à compreensão de metonímia, se aproximando da compreensão atingida por adultos.

Köder e Falkum (2020), com esse experimento, buscavam encontrar resultados que viessem de encontro com estudos realizados anteriormente. O estudo de Van Herwegen, Dimitriouc e Rundblad (2013), envolvia a compreensão de metonímias e metáforas com participantes de 3 a 17 anos. Nele, percebeu-se que, aos 6 anos de idade, as crianças passavam a compreender melhor o uso dessas figuras de linguagem, momento em que a curva inicia uma trajetória ascendente. Além disso, as autoras buscavam entender a motivação por trás do declínio na compreensão metonímica na faixa etária de 4 e 5 anos, gerando a curva em U.

O experimento de Köder e Falkum (2020) é composto de 20 itens, cada um com quatro imagens e duas vinhetas correspondentes; uma que conduzia a uma interpretação literal e outra que conduzia a uma interpretação metonímica. Elas analisaram dois fatores. No primeiro, foram comparados a escolha da imagem representando o referente metonímico (figura

metonímica) e a imagem representando o referente literal (figura literal) nas diferentes faixas etárias. A análise dos resultados foi feita através da linguagem R. Primeiro, foi utilizado t-test, com o objetivo de comparar a escolha da imagem considerando o referente metonímico (“figura metonímica”), e a escolha considerando o referente literal (“figura literal”). Foram analisadas as respostas corretas, ou seja, a escolha da figura literal na condição literal e a escolha da figura metonímica na condição metonímica.

3 Método

3.1 Participantes

A amostra do nosso estudo foi composta por 133 participantes, crianças e adultos. No grupo de crianças, a amostra foi dividida em anos. Foram entrevistados participantes de 3 a 8 anos, divididos por idade (grupos de 3, 4, 5, 6, 7 e 8 anos¹). O teste foi aplicado presencialmente, em escolas de ensino infantil e de ensino fundamental de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Foram entrevistadas 114 crianças, distribuídas de forma similar em cada faixa etária. Para o grupo controle de adultos, o teste foi aplicado de modo online, com a amostra selecionada feita por conveniência, com uma maioria de participantes universitários. Foram entrevistados 19 adultos, de 22 a 54 anos (mn=25 dp=6,9). Como critérios de inclusão, foi determinada a necessidade de o participante ser falante nativo de Língua Portuguesa e não apresentar relato de alterações sensoriais e quadros clínicos.

3.1.1 Instrumento

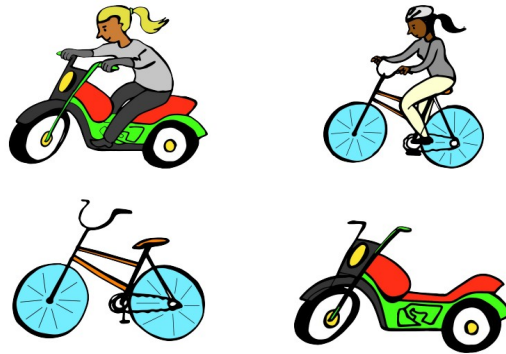
Foram utilizados 20 conjuntos de imagens, com duas vinhetas cada; uma de condição literal e outra metonímica. O design utilizado foi o “Visual World Paradigm” (Tanenhaus *et al.*, 1995), com os estímulos sendo uma combinação visual com quatro imagens e uma curta história apresentada oralmente. Cada historinha usava a mesma expressão, por exemplo, “o violão”, para se referir tanto a um objeto

¹Os mesmos de Köder e Falkum (2020), na tentativa de comparar o desenvolvimento etário na compreensão de metonímia na língua portuguesa com a língua inglesa e norueguesa.

(condição literal), como a uma pessoa (condição metonímica). Como cada conjunto de quatro imagens tem uma história com versão metonímica e uma literal, foram feitas duas listas. Os itens das listas foram apresentados de forma aleatória, cada uma contendo 20 itens (10 literais e 10 metonímicos). O objetivo era

de que nenhum participante visse duas versões (metonímica e literal) do mesmo item. As imagens utilizadas foram as mesmas do primeiro teste, de seleção de figuras, disponibilizadas pelas autoras para este trabalho.

Figura 1: Exemplo de conjunto de imagens



Fonte: Disponibilizado pelas autoras Köder e Falkum.

Foi feita uma tradução e adaptação das vinhetas para o português, de forma que fizessem sentido em um uso metonímico na nossa língua. No inglês, diferente do português e do norueguês, é possível se referir ao sujeito de forma neutra. Apesar dessa diferença, não houve prejuízo na adaptação para o português no que se refere à indicação da metonímia nas vinhetas. Em alguns casos, a solução, para manter a metonímia, foi omitir o artigo. Por exemplo, na frase de condição metonímica “Aqui estão duas meninas brincando em casa. Pijama está doente”, pijama é uma palavra masculina, enquanto que menina é feminina, de forma que utilizar o artigo feminino poderia facilitar para os participantes a compreensão do referente. Dessa forma, em situações como essa, optamos por deixar a vinheta sem o artigo. Além disso, também foram alterados alguns dos referentes para que fizessem mais sentido no português. Por exemplo, nas vinhetas em língua inglesa, na condição literal “Here are two things one can eat. The piece of bread tastes delicious”, e na condição metonímica “Here are two women eating outside. The piece of bread freezes very much” foi necessário fazer alterações. A modificação ocorreu em relação ao “pedaço de pão” (piece of bread) por

“banana”, que era a segunda imagem do conjunto. Isso porque, dessa forma, poderia ser melhor compreendida em língua portuguesa, por ser também uma palavra feminina e se tratar de duas mulheres no conjunto. Assim, o resultado ficou “Aqui estão duas coisas que se pode comer. A banana é deliciosa” na condição literal, e “Aqui estão duas mulheres comendo lá fora. Banana está com muito frio”, na condição metonímica. Mesmo com a omissão do artigo, entendemos que essa seria a melhor escolha para o português.

3.1.2 Procedimentos

A testagem de Köder e Falkum (2020) foi baseada no *Visual World Paradigm* (Tanenhaus *et al.*, 1995), na qual os estímulos são uma combinação visual, com um conjunto de quatro imagens, e uma vinheta apresentada oralmente. No estudo com falantes de norueguês, os participantes foram entrevistados individualmente. Cada conjunto era mostrado apenas uma vez para o participante, que recebia orientações sobre a testagem. A cada resposta, um novo conjunto de imagens era mostrado com a vinheta literal ou metonímica, de forma

aleatória. As respostas, então, eram registradas separadamente por idade. Considerando que existiam quatro possibilidades de resposta, esperava-se que as escolhas ficassem entre as figuras alvo metonímica ou literal. Nos casos em que os participantes decidiram por outra figura, da outra pessoa ou objeto, a pesquisadora pedia mais informações sobre o motivo de tal escolha.

Na próxima seção os resultados obtidos serão apresentados e discutidos.

4 Análise e discussão dos resultados

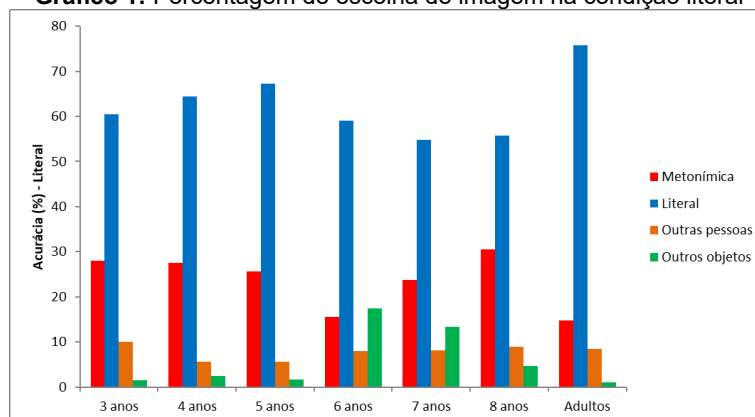
A análise dos resultados do presente experimento foi feita através do software SPSS, versão 28.0. As variáveis foram descritas por frequências absolutas e relativas e associadas pelo teste qui-quadrado de Pearson, com correção de Bonferroni e análise dos resíduos ajustados, quando necessário. A razão de prevalências em conjunto com o intervalo de 95% de confiança foi calculada para comparar o efeito das condições literal e metonímica sobre a acurácia, ou seja, a escolha correta da figura literal na condição literal e a escolha da figura metonímica na condição metonímica. O nível de significância adotado foi de 5% ($p < 0,05$).²

Os dados obtidos foram analisados tendo em conta a hipótese de que a seleção de imagem, em alguns momentos, quando há escolha literal, pode não

significar falta de compreensão de linguagem figurada, mas estar amparada em outros fatores. Foram realizadas análises entre os itens e os grupos de idades. Inicialmente, foi analisado se poderia haver diferenças estatisticamente significativas entre as listas no percentual de acertos. Isso não aconteceu, tendo a lista 1, 66,1% de acertos e lista 2, 68,8% ($p = 0,153$), o que significa que ter sido testado com qualquer uma das listas não influenciou significativamente o desempenho dos participantes. A partir desse resultado, juntamos todos os participantes independente da lista com a qual foram testados.

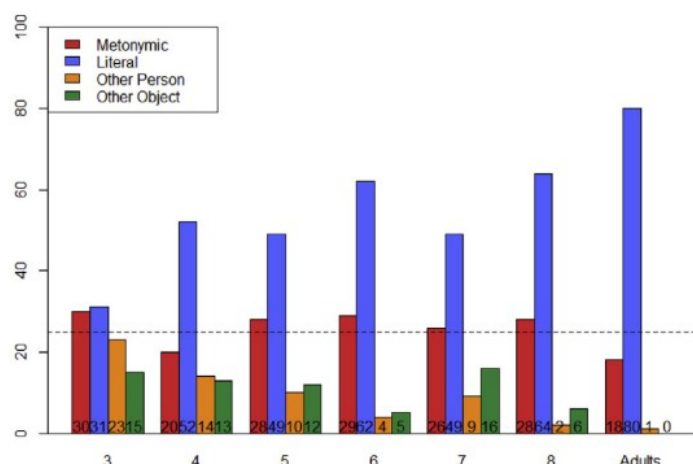
Os dados coletados com a tarefa foram analisados entre grupos de idade e condição (literal e metonímica), e posteriormente detalhados em termos de escolha da resposta. Os resultados foram comparados com os obtidos no estudo de Köder e Falkum (2020). Em relação à condição literal, nossos achados indicam um nível de compreensão significativo em todas as idades, com todos os resultados acima do nível de acaso (Gráfico 1). Já sobre a condição metonímica, nossos resultados sugerem, claramente, a curva em U hipotetizada por Köder e Falkum. A percentagem de respostas na condição metonímica (Gráfico 2), indica que crianças de 3 anos demonstraram uma considerável compreensão metonímica, que decresceu significativamente a partir dos 6 e 7 anos de idade. Contudo, aos 8 anos essa compreensão voltou a subir.

Gráfico 1: Porcentagem de escolha de imagem na condição literal



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

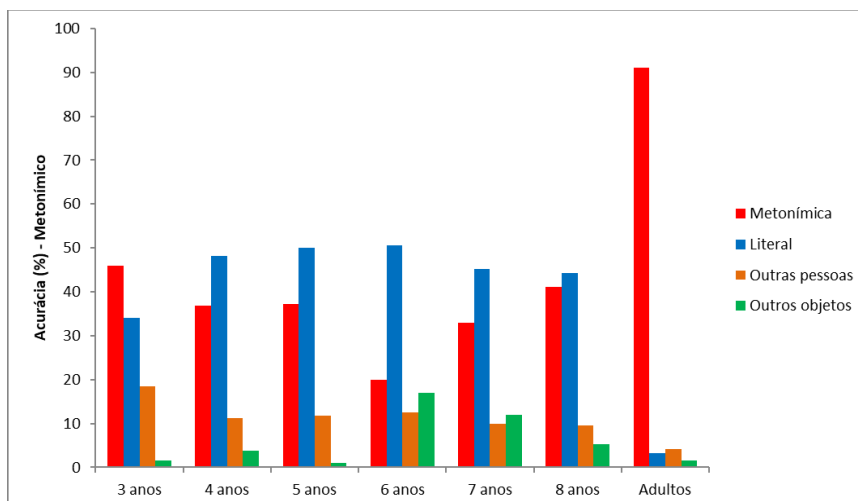
²Note que os cálculos utilizados em nossa análise não são os mesmos de Köder e Falkum (2020). Tal decisão foi tomada com o auxílio de uma consultoria estatística, visto que análises não paramétricas seriam mais adequadas, considerando as características dos dados por nós coletados.

Gráfico 2: Porcentagem de escolha de imagem na condição literal de Köder e Falkum (2020)

Fonte: Köder e Falkum (2020, p. 197).

No gráfico de condição literal de Köder e Falkum (2020), comparado ao deste estudo, é possível observar uma diferença, considerando as porcentagens encontradas em cada estudo, entre as escolhas das figuras literais. É importante ressaltar que as autoras utilizaram t-test para essas análises,

que é calculado a partir de médias, enquanto que o teste qui-quadrado, utilizado por nós, faz as análises a partir de frequências relativas. Dessa forma, não podemos afirmar se houveram diferenças significativas entre os dois estudos.

Gráfico 3: Porcentagem de escolha de imagem na condição metonímica

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A condição metonímica no Gráfico 3 indica que as crianças de três anos foram as que tiveram a maior porcentagem de escolha de figuras metonímicas, demonstrando uma sensibilidade inicial para a compreensão do fenômeno nesta tarefa. Nesse mesmo grupo, os participantes também tiveram associação significativa à escolha da figura de outras

pessoas na condição metonímica ($p < 0,001$). Isso, contudo, não diminui o valor da compreensão metonímica associado a eles, uma vez que em diversos casos, havia uma explicação para suas escolhas, que mantinham uma compreensão metonímica. Por exemplo, no item de condição metonímica (Pijama está doente), a escolha pela outra

pessoa, a menina de maiô, foi justificada por aquele ser, para alguns participantes, o pijama (participantes C11, C12 e C14, 3a). Conforme algumas crianças, a vestimenta da menina, o maiô, poderia justificar a causa de uma doença, por ser um pijama curto. Além disso, a associação doente - pessoa humana foi feita sem grandes dificuldades, demonstrando esse nível de compreensão. Assim, elas pareceram compreender a metonímia por entender que não era o pijama que estava doente, mas sim a pessoa. Além disso, tentaram buscar a causa para essa doença, que seria justificável pela vestimenta, um pijama, o maiô, curto.

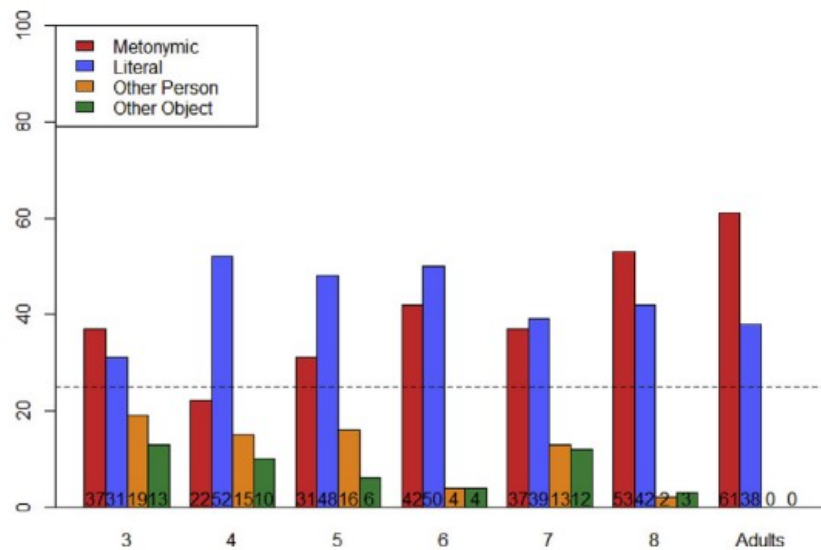
Ainda na condição metonímica, houve associação significativa entre os grupos de 4 a 7 anos e a escolha da figura literal, que foi realizada mais frequentemente do que o acaso ($p < 0,001$). Isso era esperado em relação às escolhas de figuras literais dos grupos de 4 e 5 anos. Todavia, a escolha da figura metonímica na condição metonímica foi maior do que o previsto nessas faixas etárias, 4 anos em 36,9% dos casos, e 5 anos em 37,2%, o que demonstra uma compreensão nesta tarefa maior do que o conjecturado.

A porcentagem de acertos não passou a subir aos 6 e 7 anos na condição metonímica, mas diminuiu em relação aos grupos de 4 e 5 anos de idade. Neste estudo, o grupo de 6 anos escolheu a figura metonímica muito menos se comparado aos outros grupos. Esses resultados mantêm a curva em U hipotetizada, mas com diferentes idades, em relação ao estudo norueguês, uma vez que a compreensão metonímica acaba decrescendo aos 6 anos e passa a aumentar a partir dos 8. Entretanto, isso pode ser explicado ao se observar o processo cognitivo dos grupos de 6 e 7 anos, uma vez que se associaram significativamente a “outros objetos” ($p < 0,001$) nas duas condições. Para entender melhor essas escolhas, vale atentar para alguns itens da tarefa. Na condição metonímica (Pijama está doente), a justificativa para a escolha do outro objeto, nesse caso o maiô, foi de que como se tratava de uma roupa de verão, a menina havia adoecido (participante C56, 6a). Isso indica que o processo cognitivo da criança foi além do que a condição expunha, pensando no que

poderia causar uma doença. Em um dos itens, tanto na condição literal como na condição metonímica respectivamente “Aqui estão duas coisas que podemos usar para dormir. O bico é grudento.” e “Aqui estão dois meninos prontos para ir para a cama. O bico está muito cansado.”, a escolha pelo outro objeto, um cobertor, foi justificada por ele ser mais “quentinho” e melhor para dormir, repetindo o processo das respostas anteriores (participantes C59 e C67, 6a).

Em geral, os participantes dessa faixa etária preferiam inferir suas próprias opiniões do que seguir o combinado do teste. Esses resultados podem estar relacionados à fase escolar, que se inicia aos 6 anos de idade e exige das crianças novos raciocínios, o que as leva a pensar muito mais sobre sua resposta. Mesmo que essa fase se inicie em mesma idade na Noruega, hipotetizamos que essa fase escolar esteja relacionada também com a pandemia de Covid-19, que aconteceu após a aplicação do teste de Köder e Falkum (2020), e previamente à aplicação deste estudo, em 2022, o que pode influenciar a performance aqui.

A faixa etária de 8 anos ficou a nível de acaso na escolha de figuras tanto literais como metonímicas. Mesmo assim, essa faixa etária demonstrou uma compreensão metonímica maior do que os grupos de 4 a 7 anos. Isso começa a demonstrar um aumento da compreensão e a delineação de uma curva em U. Com o grupo de controle de adultos, a performance foi ainda melhor do que o esperado na condição metonímica, que ficou acima do nível de acaso ($p < 0,001$). Isso demonstra que o nível de compreensão de adultos brasileiros é alto, como esperado pela natureza do fenômeno.

Gráfico 4: Porcentagem de escolha de imagem na condição metonímica de Köder e Falkum (2020)

Fonte: Köder e Falkum (2020, p. 197).

Ao comparar os resultados obtidos em cada estudo, é possível observar muitas semelhanças, assim como algumas diferenças. As crianças de 3 anos de idade tiveram a maior porcentagem de escolha de figuras metonímicas, na condição metonímica, do que as crianças da mesma faixa etária no estudo de Köder e Falkum (2020). Entretanto, assim como no estudo das autoras, nesse mesmo grupo os participantes também tiveram associação significativa à escolha da figura de outras pessoas. Isso, contudo, não diminui o valor da compreensão metonímica associado a eles, devido a suas justificativas de escolhas apresentadas anteriormente, que indicam a manutenção do nível de compreensão metonímico.

Aos 8 anos houve uma leve mudança. A porcentagem de escolhas de figuras metonímicas na condição metonímica ficou acima das crianças mais novas, mas um pouco abaixo dos resultados encontrados pelas autoras nessa faixa etária. Ou seja, um padrão de aumento no nível de compreensão nas crianças mais velhas da amostra também foi encontrado neste estudo, uma vez que de 4 a 7 anos a compreensão ficou significativamente menor.

Em seguida, foram analisadas as respostas corretas em cada cada condição, isto é, a escolha da figura literal na condição literal e escolha da figura metonímica na condição metonímica, por idade. Para esta análise, é importante salientar que as respostas em condição literal que incluíam algumas das figuras metonímicas foram consideradas corretas. Isso se justifica devido a presença do objeto (da figura literal) no estímulo visual, assim, não poderia ser considerada uma resposta incorreta.

Tabela 1 - Análise de respostas corretas em cada condição

Idade	Total da amostra	Nº de respostas	Literal	Metonímico	RP (IC 95%)	p
			n (%)	n (%)		
3 anos	20	400	187 (93,5) ^b	92 (46,0) ^b	2,03 (1,74 – 2,37)	<0,001
4 anos	16	320	155 (96,9) ^c	59 (36,9) ^b	2,63 (2,14 – 3,22)	<0,001
5 anos	18	360	173 (96,1) ^c	67 (37,2) ^b	2,58 (2,13 – 3,13)	<0,001
6 anos	20	400	159 (79,5) ^a	40 (20,0) ^a	3,98 (3,00 – 5,29)	<0,001
7 anos	21	420	178 (84,9) ^a	69 (32,9) ^a	2,58 (2,11 – 3,16)	<0,001
8 anos	19	380	178 (93,7) ^b	78 (41,1) ^b	2,28 (1,92 – 2,72)	<0,001
Adultos	19	380	186 (97,9) ^c	173 (91,1) ^c	1,08 (1,02 – 1,13)	0,007
p	-	-	<0,001	<0,001		

a,b Letras iguais não diferem pelo teste de Bonferroni;

RP=Razão de Prevalência;

IC 95%: Intervalo com 95% de confiança.

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

A partir da análise dos efeitos das variáveis, é possível observar relações entre a idade e a compreensão das condições. Aos 3 anos de idade, ao relacionar as duas condições, observa-se uma diferença significativa entre elas (RP = 2,03, $p < 0,001$). Para essa idade, os valores indicam uma expressiva compreensão de metonímia, mesmo que significativamente menor do que a literal. Em seguida, em uma análise do grupo de 4 anos, a compreensão metonímica sofre uma queda, chegando aos 36,9%. Na faixa etária dos 6 anos, o desempenho na compreensão da tarefa foi menor do que o esperado, considerando estudos anteriores (Van Herwegen; Dimitriou; Rundblad, 2013; Köder; Falkum, 2020). Na condição metonímica, que chega a 20%, a menor taxa de compreensão entre as idades analisadas (RP = 3,98, $p < 0,001$). Isso poderia indicar duas diferentes

possibilidades. A primeira é que, em Português Brasileiro, a “fase literal” pode ser prolongada para além dos 4 e 5 anos. Isto é, mesmo que adentrem essa fase na mesma faixa etária que falantes de língua inglesa e norueguesa, ela é prolongada até os 7 anos, fase em que as crianças ainda têm um processamento mais primitivo, processando a língua de maneira literal, mesmo quando isso não faz sentido no contexto evocado (Levorato; Cacciari, 2002). A segunda é que os participantes se questionam mais nesse período da infância, isso pode os levar a uma análise metalinguística mais elaborada do que os mais novos, se preocupando mais com a resposta que devem dar à pesquisadora.

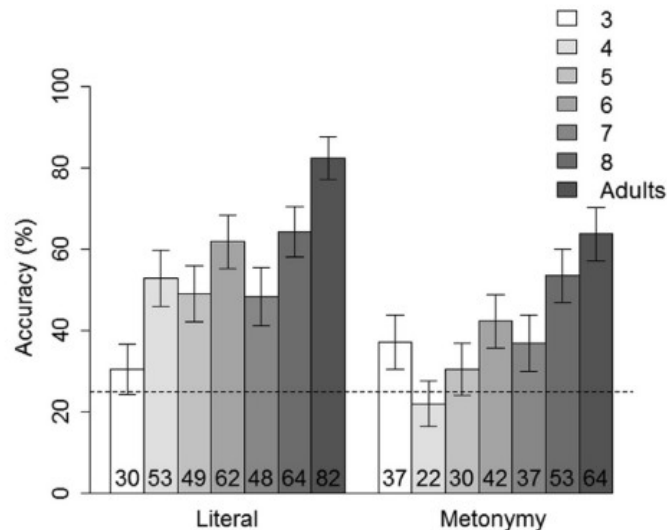
Aos 8 anos, é possível observar um aumento na compreensão na condição metonímica (41,1%). Isso poderia indicar o término da “fase literal” vivida

dos 4 aos 7 anos. Entretanto, não é possível corroborar a hipótese de que é a partir dos 8 anos que a compreensão passa a se assemelhar a de um adulto (91,1%), mesmo que demonstre melhora. Ao analisar o grupo dos adultos, percebemos uma performance muito melhor, como esperado, em relação às crianças.

Se observarmos os resultados de Köder e Falkum (2020) também na análise de respostas corretas em cada condição, é possível visualizar diferenças entre os resultados encontrados.

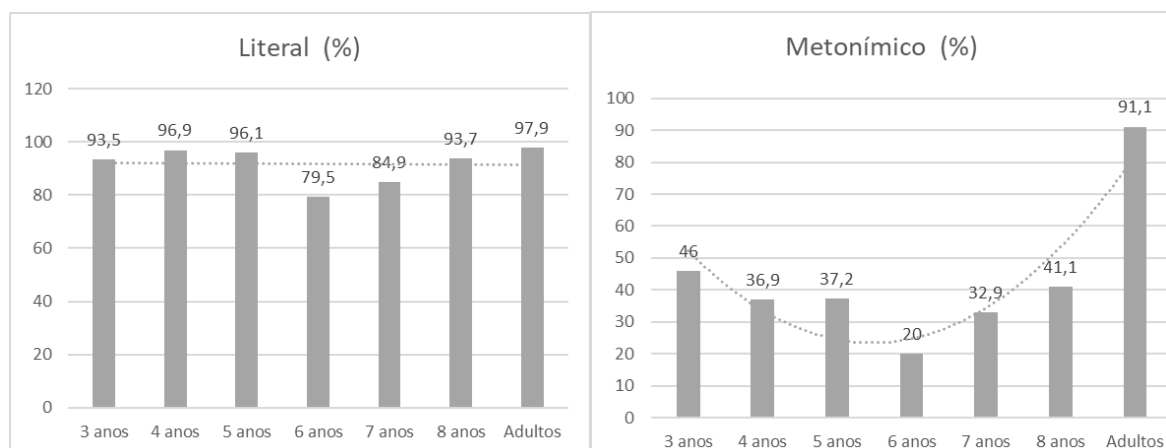
Comparação dos resultados deste estudo com os gráficos 5 e 6:

Gráfico 5: Porcentagem de escolha de imagem correta nas condições literal e metonímica (considerando apenas a figura literal como correta na condição literal)



Fonte: Köder e Falkum (2020, p. 197).

Gráfico 6: Porcentagem de escolha de imagem correta nas condições literal e metonímica (considerando a figura metonímica como correta na condição literal)



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

As crianças de 4 e 5 anos tiveram um desempenho melhor neste estudo na condição metonímica do que no estudo de Köder e Falkum (2022). Entretanto, as crianças de 6 a 8 anos tiveram um menor desempenho em relação às crianças

norueguesas na mesma condição. Assim, é possível que a compreensão metonímica tenha tido influências culturais da língua em fase de aquisição da linguagem, e não esteja somente ligada à idade.

É importante ressaltar que as diferenças entre os resultados podem estar ligadas à familiaridade das metonímias utilizadas nesta tarefa no contexto brasileiro. Como em estudos anteriores, que demonstraram a compreensão de metonímias criativas desde tenra idade (Van Herwegen; Dimitriou; Rundblad, 2013), aqui podemos inferir que a familiaridade e contexto das metonímias utilizadas podem ter interferido na performance dos grupos testados. É possível que alguns dos itens utilizados nesta tarefa, como por exemplo o item 3 (Banana está com frio.), não sejam ideais para analisar a compreensão metonímica em crianças falantes do português brasileiro, por não serem tão frequentemente utilizadas em nossa comunidade linguística. O que queremos dizer é que talvez essa metonímia conceitual específica, ALIMENTO PELA PESSOA, não seja tão convencional quanto outras como RECIPIENTE PELO ALIMENTO, por exemplo. Supomos que uma frase como 'A menina comeu dois pratos', mais frequente em nossas conversas diárias, teria gerado um melhor desempenho na tarefa por parte de todos os participantes. Ademais, algo a ser considerado, que pode também ter influenciado a performance das crianças na tarefa, é a pandemia da Covid-19. Ao considerar que as crianças de 6 anos de idade tiveram dois anos atípicos no ambiente escolar devido à pandemia, com um período de paralisação de atividades e, posteriormente, atividades restritas ao contexto remoto, podemos hipotetizar que isso tenha influenciado seu desenvolvimento cognitivo de alguma forma.

Apesar do desempenho relatado até aqui, é importante que alguns aspectos sejam observados. Nas idades com menor desempenho na condição metonímica (4, 5, 6 e 7 anos), percebemos a necessidade de fazer mais perguntas após a resposta dos participantes. Considerando os resultados de Köder e Falkum (2020) e o tipo de teste aplicado, acreditamos que essa tarefa possa não definir totalmente a compreensão metonímica, nesta tarefa, dos integrantes do estudo. Existia a hipótese de que a

seleção de imagem poderia não significar falta de compreensão de linguagem figurada, quando havia uma figura literal era escolhida na condição metonímica, mas estaria amparada em outros fatores.

Em diversos momentos, quando algum participante escolhia uma figura literal em condição metonímica, perguntávamos se havia a possibilidade de chamar pela expressão metonímica (Ex.: O bico, a chuquinha) alguma outra figura que estava no conjunto. Todos, quando ouviam essa pergunta, olhavam para as imagens e acabavam apontando para a figura alvo metonímica. Todavia, ao repetir a condição e perguntar novamente qual era a resposta, eles mantinham sua escolha inicial, na figura literal. Uma possível resposta para esse comportamento aparece em Köder e Falkum (2020), quando elas tratam sobre o desempenho das crianças de 4 e 5 anos³. A hipótese é de que as crianças pensam muito sobre o que o adulto está esperando delas na tarefa. Essa é uma fase em que elas se importam sobre as convenções linguísticas e sociais, assim, tendem a problematizar quando alguma coisa não concorda com o que elas acreditam, por exemplo, “Mamãe, isso se chama jaqueta, não suéter” (Kalish; Sabbagh, 2007).

Por isso, é possível que essa fixação pelo sentido convencional, ou literal, interfira no processo cognitivo para as figuras de linguagem, mesmo que aquilo faça sentido. Essa hipótese acaba sendo refletida nas respostas obtidas neste estudo, uma vez que, ao perguntar mais às crianças elas demonstram uma compreensão metonímica, mesmo mantendo, como resposta final, a figura literal. Sabe-se que as crianças em fase de aquisição da linguagem passam por diversos processos, assim, as convenções (significados literais) atribuídas a certas palavras têm papel fundamental para a compreensão da língua (Clark, 2016). Isso poderia ser uma das razões pelas quais elas decidem por uma resposta final literal. Mesmo que consigam perceber a resposta metonímica, se mantêm aliados ao que faz sentido em outros aspectos da sua vida.

³Outras explicações, sob outras perspectivas teóricas, também poderiam complementar nossas análises, como o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal de Vygotsky. Em estudos futuros, pode ser interessante analisá-los também a partir desta perspectiva.

5 Considerações finais

Os resultados encontrados neste estudo corroboram parcialmente as hipóteses, entretanto, se comparados aos resultados de Köder e Falkum (2020), é possível identificar diferenças no nível de compreensão. As crianças de 5 e 4 anos tiveram um desempenho melhor do que o esperado na condição metonímica, enquanto que as crianças de 6 e 7 tiveram um desempenho pior, resultados diferentes daqueles de 2020. Esses resultados poderiam estar relacionados com a “fase literal” vivida pelas crianças dos 4 aos 7 anos, como também ao fator linguístico/cultural e a uma pandemia. Já era esperado que os resultados seriam significativamente diferentes entre condições, com a compreensão dos participantes sendo maior na condição literal. O baixo desempenho das crianças de 6 anos em condição metonímica merece ser estudado mais profundamente em estudos futuros, uma vez que difere de resultados de estudos anteriores.

Algumas contribuições deste trabalho podem ser salientadas. Foi possível observar que a compreensão das metonímias, nesta tarefa, parece não estar somente relacionada à idade, mas também a influências linguístico/culturais. Particularidades da língua portuguesa e/ou vivências específicas do grupo avaliado podem ter exercido influência na compreensão do fenômeno. Por exemplo, no item 3, no qual a metonímia utilizada é ALIMENTO PELA PESSOA, as crianças brasileiras tiveram dificuldade de compreender a metonímia. O fato de os brasileiros usarem pouco um alimento como forma de se referir metonimicamente a uma pessoa, pode ter influenciado o desempenho das crianças na tarefa aplicada no Brasil. Em outras palavras, a frequência das expressões linguísticas metonímicas varia e pode enviesar os resultados. Novos estudos sobre o assunto podem contribuir para elucidar a aquisição da metonímia.

Ainda assim são reconhecidas as limitações aqui encontradas, que podem ser levadas em consideração para as futuras pesquisas. Considerando o fato de que as crianças que tiveram menor

desempenho na compreensão de metonímia nesta tarefa potencialmente reconheciam o fenômeno, mas escolhiam pela resposta literal ao pensarem muito sobre o que o adulto estava esperando delas, talvez o tipo de teste pudesse ser reformulado, uma vez que as competências delas podem acabar sendo subestimadas. Como a tarefa de Köder e Falkum conta com estímulos de contexto mínimos, pode acabar não sendo suficiente para guiar a atenção dos participantes. Essas autoras também julgaram ser interessante que se pense em estímulos com contextos mais elaborados, pois usos metonímicos criativos, normalmente, dependem muito do contexto. Com os resultados obtidos, novas pesquisas podem ser embasadas, contribuindo para o avanço nas pesquisas sobre linguagem figurada.

Referências

- CLARK, E.V. *First Language Acquisition*. 3 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- DROŽDŽ, G. The development of the theory of metonymy in cognitive linguistics. *Linguistica Silesiana* [s.l.], v. 35, p. 119-152, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/286360230_THE_DEVELOPMENT_OF_THE_THEORY_OF_METONYMY_IN_COGNITIVE_LINGUISTICS. Acesso em: 03 mar. 2022.
- FALKUM, I. L.; KÖDER, F. Children's metonymy comprehension: Evidence from eye-tracking and picture selection. *Journal of Pragmatics*, [s.l.], v. 156, p. 191-205, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378216618305174>. Acesso em: 14 dez. 2021.
- FALKUM, I. L.; RECASENS, M.; CLARK, E. V. The moustache sits down first': on the acquisition of metonymy. *J. Child Lang.*, [s.l.], v. 44, n. 1, p. 87-119, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0305000915000720>. Acesso em: 16 jan. 2022.
- GIBBS, R. W.; COLSTON JR, H. L. *Interpreting figurative meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- KALISH, C. W.; SABBAGH, M. A. (Eds.), 2007. *Conventionality in Cognitive Development: How Children Acquire Shared Representations in Language, Thought and Action*. v. 115. San Francisco: Jossey-Bass, 2007.
- KÖVECSES, Z. *Metaphor: A practical introduction*. Oxford University Press, 2010.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LEVORATO, M. C.; CACCIARI, C. The creation of new figurative expressions: psycholinguistic evidence in Italian children, adolescents and adults. *J. Child Lang.*, [s.l.], v. 29, n. 1, p. 127-150, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0305000901004950>. Acesso em: 02 maio 2022.
- MITTELBERG, I. 2019. Visuo-Kinetic Signs Are Inherently Metonymic: How Embodied Metonymy Motivates Forms, Functions, and Schematic Patterns in Gesture. *Frontiers in Psychology*, [s.l.], v. 10, 2019. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/article/10.3389/fpsyg.2019.00254>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- MOUSINHO, R.; DESCHAMPS, B.; COÇA, K.; SCHUEWK, D.; MARCHI, A.; RUFINO, B. Aquisição da linguagem figurada. *Rev. Psicopedagogia*, [s.l.], v. 26, n. 80, p. 200-220, 2009. Disponível em: <https://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/248/aquisicao-da-linguagem-figurada>. Acesso em: 04 mar. 2022.
- NERLICH, B.; CLARKE, D. D.; TODD, Z. 1999. Mummy, I like being a sandwich". *Metonymy in language acquisition*. In: PANTHER, K.; RADDEN, G. (Eds.). *Metonymy in Language and Thought*. p. 361-383. Amsterdam: John Benjamins, 1999.
- RUNDBLAD, G.; ANNAZ, D. Development of metaphor and metonymy comprehension: receptive vocabulary and conceptual knowledge. *Br. J. Dev. Psychol.*, [s.l.], v. 28, p. 547-563, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1348/026151009X454373>. Acesso em: 19 abr. 2022.
- SANCHÉZ, A. B. El poder de la metonimia. In: HONRUBIA, J. L. C. (coord.). *Estudios de Lingüística Cognitiva*. Alicante: Universidad de Alicante, 1996, pp. 365-381.
- SILVA, A. S. da. A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*, [s.l.], p. 59-101, 1997. Disponível em: <https://www.inf.unioeste.br/~jorge/MESTRADOS/LINGUAGEM%20-%20MECANISMOS%20DO%20FUNCIONAMENTO%20DA%20LINGUAGEM%20-%20PROCESSAMENTO%20DA%20LINGUAGEM%20NATURAL/ARTIGOS%20INTERESSANTES/Lingu%C3%A9stica%20Cognitiva.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2022.
- SIQUEIRA, M.; et al. *Many hands on this study: development and preliminary testing of a metonymy comprehension task*. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v 39, n. 3, p. 202339350607, 2023.
- TANENHAUS, M. K.; SPIVEY-KNOWLTON, M. J.; EBERHARD, K. M.; SEDIVY, J. C. 1995. Integration of visual and linguistic information in spoken language comprehension. *Science*, [s.l.], v. 268, n. 5217, p. 1632-1634, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1126/science.7777863>. Acesso em: 18 mar. 2022.

VAN HERWEGEN, J.; DIMITRIOUC, D.; RUNDBLAD, G.
Development of novel metaphor and metonymy
comprehension in typically developing children and
Williams syndrome. *Res. Dev. Disabil.*, [s.l], v. 34,
n. 4, p. 1300-1311, 2013. Disponível em:

<https://doi.org/10.1016/j.ridd.2013.01.017>. Acesso
em: 12 jan. 2022.

WINNER, E. *The Point of Words: Children's
Understanding of Metaphor and Irony*. Cambridge:
Harvard University Press, 1988-1997.